

Reflexões sobre jornalismo e algoritmos na ambiência da esfera pública midiaticada

Reflections on Journalism and Algorithms in the Ambience of the Mediatized Public Sphere

Lucas Arantes Zanetti

lucaszanetti66@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2019-8061>

Doutor em Comunicação pela Unesp - Universidade Estadual Paulista (2024).

Caroline Kraus Luvizotto

caroline.luvizotto@unesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2132-4616>

Doutora em Ciências Sociais pela Unesp - Universidade Estadual Paulista (2010). Pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal (2020). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp. Professora Visitante Sênior na Technische Universität Dortmund, Alemanha (2023).

Este artigo tem como objetivo caracterizar o jornalismo na ambiência da esfera pública midiaticada, com foco no papel das redes sociais e dos algoritmos no contexto da polarização e da crise da democracia no Brasil. Para isso, utilizamos um conjunto de aportes que vão desde as teorias da midiaticação, perpassando pela a esfera pública habermasiana, bem como conceitos da psicologia social, para analisar eventos sociais no Brasil desde 2013, um ano crucial marcado por conflitos e polarização que afetam o debate público atual. Entre diferentes abordagens e análises, nossa proposta é refletir sobre o aspecto comunicativo dos processos no espaço público contemporâneo. Acreditamos que existe uma crise global no conceito de sociedade moderna, que está a ter um impacto negativo na democracia, nos meios de comunicação social e no jornalismo, levando à criação de um espaço público contemporâneo que é dividido, menos racional e mais emocional, moldado pela lógica comunicativa algorítmica das empresas de tecnologia.

Palavras-chave: esfera pública; midiaticação, algoritmos, jornalismo, representações sociais.

Abstract

This article aims to characterize journalism in the context of the mediatized public sphere, focusing on the role of social media and algorithms in the context of polarization and the crisis of democracy in Brazil. To do this, we draw on a range of theoretical contributions, including theories of mediatization and the Habermasian public sphere, as well as concepts from social psychology, to analyze social events in Brazil since 2013, a crucial year marked by conflicts and polarization that impact the current public discourse. Among various approaches and analyses, our proposal is to reflect on the communicative aspect of processes in the contemporary public space. We believe there is a global crisis in the concept of modern society, which is having a negative impact on democracy, the mass media, and journalism, leading to the creation of a contemporary public space that is divided, less rational, and more emotional, shaped by the algorithmic communicative logic of technology companies.

Keywords: public sphere, mediatization, algorithms, journalism, social representations.

Resumo

Introdução

O presente artigo, de cunho ensaístico, estruturado em pesquisa bibliográfica exploratória e na experiência de pesquisa dos autores juntos ao Grupo de Pesquisa Comunicação e Movimentos Sociais (ComMov), reflete sobre o conceito de “esfera pública midiaticizada”, de forma situada ao contexto brasileiro de (des)informação, crise democrática, especialmente no que concerne à desarticulação do jornalismo enquanto produtor social de conhecimento e centro do debate público racional na modernidade. Para isso, utilizamos contribuições da teoria da midiaticização e das representações sociais articuladas à noção da esfera pública habermasiana no contexto da desinformação e Guerra Híbrida.

Com a possibilidade de novos canais de interação, participação e deliberação no ambiente virtual, a realidade comunicativa da esfera pública parecia promissora. A possibilidade de inclusão cidadã e democratização do acesso à informação e possibilidade de muitos falarem para muitos, trouxe otimismo para correntes teóricas preocupadas com a comunicação na esfera pública, principalmente em alternativas comunicativas para as mídias de massa (Clayman, 2004). No entanto, o que se concretizou foi um espaço virtual dominado por grandes empresas de tecnologia, onde impera uma lógica algorítmica nas redes sociais que reforça a polarização, a cristalização de opiniões prévias, a disseminação de desinformação e conduz à divisão ideológica afetiva, especialmente no que concerne ao debate político (Cho et al., 2020; Stark et al., 2020). Nesse sentido, buscamos compreender o especificamente comunicacional (Signates, 2019) da esfera pública midiaticizada no contexto algorítmico e das interações sociais em tempos de instabilidade, polarização e desdemocratização (Cunha, 2015).

Desde as manifestações populares iniciadas em 2013, chamadas “Jornadas de Junho”, o Brasil passa por uma série de processos sociais, políticos e

econômicos que têm como característica uma profunda polarização política e divisão social, o aumento das desigualdades, o enfraquecimento das instituições e uma crise no modelo democrático iniciado com a Constituição de 1988. Neste cenário, é preciso indagar quais são os elementos midiáticos que estão produzindo terreno fértil para a desarticulação da esfera pública e da emergência de sentidos e discursos que buscam atacar a democracia, as instituições republicanas e que promovem a desinformação e a confusão social.

O jornalismo de mercado alimentou a esfera pública com construções de sentidos alinhadas à “fábula neoliberal” (Santos, 2001), que, por meio da despolitização e “demonização” da política, contribuíram para a desintegração do governo de Dilma Rousseff, resultando no impeachment, e produzindo terreno fértil para ascensão do discurso radical de Jair Bolsonaro e do bolsonarismo enquanto catalisador e organizador da extrema-direita brasileira (Prudêncio, Rizzotto e Sampaio, 2018). Ao serem permissivos com os abusos antidemocráticos das esferas de poder que culminaram no fim do governo Dilma e na ascensão do discurso bolsonarista, os veículos comerciais também atiraram contra si, e veem hoje o pilar da credibilidade jornalística sofrer danos a partir do questionamento do valor de verdade dos conteúdos jornalisticamente produzidos.

Nesse sentido, propomos uma reflexão sobre a esfera pública em tempos de algorítmicos e seus arranjos no contexto das disputas de sentidos e narrativas que caracterizam a lógica midiaticizada, com atenção especial ao *modus operandi* dos agentes da Guerra Híbrida brasileira. Defendemos que a dissolução da esfera pública é resultado de uma série de estratégias comunicativas, que abarcam as noções de “desinformação”, “fake news”, “pós-verdade”, “negacionismo” e formas sofisticadas de destruição da política e radicalização ideológica.

1 Conflitos e tensões na esfera pública midiaticizada

Sendo a esfera pública um conceito desenvolvido por Habermas (1996) para abranger um fenômeno específico no espaço e no tempo, em decorrência de processos históricos e sociais com características específicas (Marques e Martino, 2022), pensar a esfera pública midiaticizada é refletir sobre sua dimensão contemporânea em tempos de algoritmos e redes sociais, compreendendo os processos atuais de trocas discursivas, ações comunicativas e de deliberação tanto no sentido institucional, quanto nas conversações informais que a compõem. O processo comunicativo na esfera pública haremmasiana é entendido como interação, troca argumentativa e de significação a partir de uma pragmática da racionalidade discursiva. No entanto, defendemos que a questão da argumentação racional é enfraquecida no contexto midiaticizado em tempos de algoritmização, sendo a principal característica do espaço público contemporâneo.

A esfera pública midiaticizada está relacionada à construção simbólica dos sujeitos a partir das representações e sentidos midiaticamente produzidos e que operam segundo lógicas midiáticas. Trata-se do compartilhamento cultural a partir das trocas simbólicas provenientes das interações que caracterizam a ação comunicativa. Nesse sentido, as construções da representação sobre a realidade, segundo Barros (2012), dão sustentação à consciência e a construção de identidades de modo a serem “atravessadas por interações midiaticizadas que integram a estrutura social” (Barros, 2012, p. 85). Sodré (2002) propôs a midiaticização “pensada como tecnologia de sociabilidade ou um novo bios, uma espécie de quarto âmbito existencial”. Nesse sentido, a midiaticização é entendida como um elemento estruturante das práticas e interações sociais, produzindo novos sentidos em arenas complexas de significação e circulação dos conteúdos

mediaticamente produzidos (Braga, 2006). A midiaticização também pode ser pensada do ponto de vista das instituições, que passam a atuar a partir de lógicas midiáticas que diminuem a importância da realidade objetiva (Stromback, 2008). Este processo, no entanto, raramente é orgânico e é mediado pela lógica algorítmica das redes, atendendo aos interesses econômicos das Big Techs.

Nossa articulação de esfera pública midiaticizada tem na noção de “Guerra Híbrida” um ponto nevrálgico. O conceito de Guerra Híbrida é de origem militar e foi apresentado pela primeira vez por Hoffman (2007, p. 08), que se baseou na experiência do 11 de Setembro para defini-la como “ameaças que incorporam uma gama de diferentes modos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas incluindo violência e coerção indiscriminadas e desordem criminal”. As guerras híbridas possuem objetivos que atingem tanto a dimensão física quanto a psicológica e podem ser coordenadas tanto pelo Estado quanto por uma variedade de atores sociais não estatais. Com o passar dos anos, o conceito se modificou e ganhou uma dimensão “pós-moderna”, relacionada às novas formas de poder e processos globais que possuem a informação como insumo principal. As guerras híbridas podem ser entendidas como formas de guerra indireta, sem enfrentamento aberto, caracterizada pela “diluição entre guerra e política” (Leirner, 2020, p. 17) em um processo também de guerra informacional, junto com outros: ataques econômicos, *lawfare* e indução à divisões sociais. Estes processos são caracterizados pela fluidez, descentralização e assimetria, com enfoque nas operações psicológicas e processos de fabricação da opinião pública de forma implícita e gradativa, em que uma teia de significados e sentidos são produzidos e difundidos de forma a criar desestabilização política, trocas de lideranças e manutenção de interesses de seus agentes.

Korybko (2018) afirma que “a teoria do caos” é norteadora do processo de guerra da informação. Segundo esta lógica, é possível prever padrões em

dinâmicas sociais não lineares e em ambientes em constante transformação de acordo com certas variáveis. O ponto aqui é mudar “a energia do conflito dos atores sociais”, de forma a embutir valores e crenças como “vírus” de sentido que contaminam aquele grupo com ideias e ideologias para direcioná-los de acordo com seus próprios interesses. Este vírus, segundo o autor, é então espalhado para outras pessoas, criando um “enxame” e posterior convulsão social. Um grande exemplo dessa estratégia é a “virada ideológica” dos protestos de junho de 2013, iniciados como protesto contra o transporte em São Paulo, mas cooptados por grupos de outras ideologias e interesses e transformados em espaços de disputa ideológica que promoveram o esvaziamento político original da manifestação e tornaram-se massa de manobra para interesses que nada tinham a ver com as reivindicações originais (Machado e Miskolci 2019), contribuindo para a desestabilização do governo de Dilma Rousseff nos anos posteriores.

Assim, a partir de estratégias comunicativas, a Guerra Híbrida promove a desestabilização institucional criando a confusão social, produzindo instabilidade política a partir do medo e da mobilização dos afetos (Castro, 2020). Para que este objetivo seja atingido, é preciso disputar a hegemonia no campo da mídia. Um conceito que evidencia o caráter midiático da guerra híbrida é o de “guerras sociais em rede”. Korybko (2018) cita a obra *The Advent of Netwar*, publicada por John Arquilla e David Ronfeldt (2001) para explicar o fenômeno: “novo tipo de conflito social no horizonte, no qual redes “sem líderes” compostas principalmente por atores desvinculados do Estado se aproveitariam da revolução da informação (isto é, da Internet) para travar uma luta amorfa de baixa intensidade contra o Establishment” (Korybko, 2018, p. 53).

Arquilla e Ronfeldt (1993, p. 144) destacam que a distinção desta modalidade de guerra reside justamente no direcionamento no domínio das informações e comunicações, de modo a “perturbar, deteriorar ou modificar o que uma população-alvo

sabe ou pensa que sabe sobre si mesma e sobre o mundo a seu redor”. Trata-se da guerra de informação em rede, descentralizada, sem liderança, que acontece de maneira dispersa em “operações de informação” e “administração das percepções”. Nesse tipo de operação, os atores não precisam de hierarquias e comandantes, porque já sabem o que precisa ser feito: confundir crenças, criar percepções, manipular informações, direcionar a cultura de forma a criar climas conspiratórios, teorias inverídicas e construir inimigos.

Stromback (2008) descreve as quatro fases da midiaticização da política, onde explicita o processo de domínio da lógica midiática pelas outras esferas, transformando a atuação das instituições e os processos de legitimação do exercício do poder. Em sociedades altamente midiaticizadas, a lógica da mídia substitui a realidade objetiva, tornando a realidade representada como verdade que importa. Este fato obriga as instituições a atuarem conforme a lógica midiática, supervalorizando o discurso em detrimento da ação e a aparência de realidade em detrimento da coisa em si. Quanto menos evidentes forem os serviços de inteligência que atuam na guerra híbrida no ambiente virtual e nas ruas, mais eficaz será a intencionalidade por trás deste processo. De modo automatizado, observamos a presença massiva e dissimulada de propagandas e narrativas que pretendem manipular a dinâmica e o discurso político. Redes sociais e aplicativos diversos são utilizados para desinformar, propagar notícias falsas, realizar ataques negacionistas e influenciar a esfera pública. Essas ferramentas constantemente “são capitalizadas para explorar as contradições e divisões na sociedade e, eventualmente, tornar ganhos políticos” (Yan, 2020, p. 13).

A tônica da Guerra Híbrida é complexa e extrapola o interesse dos estudos em Comunicação. Nos interessa caracterizar o especificamente comunicacional neste processo, com ênfase em mecanismos não orgânicos que promovem a dissolução da esfera pública enquanto espaço de democracia. Nesse sentido, compreender o processo

de formação das bolhas ideológicas, de contrapúblicos e a desarticulação da esfera pública enquanto espaço democrático é de suma importância.

2 Bolhas, divisão social e lógica algorítmica

As divisões e polarizações políticas são uma das camadas mais visíveis dissolução da esfera pública em tempos algorítmicos. “Bolha” é um termo utilizado para se referir a fragmentação da esfera pública em subespaços periféricos, onde sujeitos interagem apenas entre si em uma ecologia midiática que reforça suas próprias predisposições, de forma a criar barreiras comunicativas em subespaços divergentes (Stark, et al. 2020). Nossa experiência em realizações de pesquisas empíricas¹ no ambiente face a face e on-line indicam um processo complexo de construções de consenso a partir de lógicas de desinformação que envolvem processos cognitivos afetivos, identitários e de divisão social estruturada pela polarização. No contexto eleitoral, uma das estratégias de desarticulação da esfera pública pelos agentes da Guerra Híbrida é o cerceamento de outras fontes de informação, a partir de estratégias discursivas de deslegitimação e descredibilização das instituições, como o jornalismo profissional e os institutos de pesquisa. Tal *modus operandi* foi detalhado em diversas pesquisas empíricas (Cesarino, 2020; Gerbaudo, 2018; Maly, 2018).

Conforme afirma Castro (2020, p. 5) “a guerra híbrida é um fenômeno midiático por excelência”. A questão algorítmica permite uma nova configuração na matriz de disputa de sentido, muito menos dependente da mídia tradicional e muito mais fácil de ser manipulada, como é o caso dos perfis falsos e “robôs”, que sequestram o debate nas redes sociais e inundam a esfera pública midiática de sentidos e ideologias previamente estabelecidos pelos seus operadores. Este novo ecossistema midiático produzido pelas redes sociais e norteados pela lógica

algorítmica representa a degradação da esfera pública habermasiana, pautada no debate racional, na troca pública de argumentos e no esforço pela racionalidade e consenso deliberativo.

Algoritmos são linguagens de programação que fornecem instruções ordenadas para resolver problemas e tomar decisões de maneiras automatizadas. Trata-se de elementos básicos da computação e digitalização do mundo. Essas instruções e normas, no entanto, são feitas e criadas por seres humanos, por mais que o discurso das empresas de tecnologia apontam para uma suposta neutralidade dessa linguagem (Morozov, 2018). Uma série de estudos apontam, por exemplo, os vieses e subjetividades presentes nos algoritmos das redes sociais, que trazem em si a ideologia dos seus programadores. Autores como Daniels (2013), Broussard (2018) e Benjamin (2020) apontam, por exemplo, o racismo e a superioridade branca presente nas lógicas de programação das redes sociais. Segundo Silva (2020), uma série de microagressões são cometidas nas plataformas de mídias sociais, não só pelos usuários, mas pelas próprias empresas, seus programadores e algoritmos. O’Neil (2016) já alertava que o discurso tecnológico matemático apenas camuflava os preconceitos e subjetividades humanas a partir de uma aparente automatização trazida pelos algoritmos. Mais do que isso, a criação de uma cultura algorítmica (Finn, 2017) pressupõe a transferência de diversas lógicas da vida cotidiana para as decisões automatizadas.

Segundo Finn (2017), os algoritmos são considerados eficazes quando conseguem resolver problemas e fornecer soluções. À medida que estes sistemas alcançam um nível significativo de aceitação cultural, também começam a influenciar a realidade à sua própria maneira. Por exemplo, empresas como a Google, devido à escala das suas operações, têm a capacidade de redefinir o que constitui um algoritmo, mudando assim profundamente a forma como abordamos os

¹ Ver: Luvizotto; Zanetti (2019); Zanetti et. al. (2023).

problemas e as suas soluções. Estas variações no pragmatismo levam a reações e contramedidas complexas. Isso implica que nos adaptamos aos sistemas algorítmicos de várias maneiras, como mudando a forma como nos comunicamos ao interagir com máquinas como a Siri, usando hashtags para tornar nossas postagens mais visíveis nos algoritmos de tendências do Twitter e retratar nossas atividades de uma forma mais relevante. Essa é uma faceta da própria mídiatização.

Segundo Han (2022), a esfera pública habermasiana foi concebida a partir da cultura livresca do século XIX, pautada pela racionalidade e pela passividade do espectador. O predomínio das mídias digitais na sociedade da informação transforma a política em “encenações midiáticas de massa” (Han, 2022, p. 21), em que a performance tem mais importância do que o argumento racional. Tal afirmação se aproxima da concepção de mídiatização por Stromback (2008, pp. 239-240), que afirma que a quarta fase da mídiatização ocorre quando “actors not only adapt to the media logic and the predominant news values, but also internalize these and, more or less consciously, allow the media logic and the standards of newsworthiness to become a built-in part of the governing processes”. Por esta perspectiva, a esfera pública mídiatizada é a internalização da estrutura midiática no centro do debate público, no processo de formação de opinião, de consciências, e perspectivas de mundo. O afastamento da realidade por uma “teatrocracia” (Han, 2022, p. 21) que caracteriza a mídiatização explica como desinformações, negacionistas, “pós-verdades” e mobilização ideológica de afetos, como o pânico moral cristão, encontram um terreno fértil para preencher o imaginário de uma consciência determinada pelos processos mídiatizados.

Nesse sentido, assim como afirma as teorias da mídiatização, na máquina da guerra híbrida, a mídia possui papel central, direcionando a esfera pública e a disputa por sentido e representações sociais, com estratégia de guerra e de forma dissimulada, diferida e difusa. Na lógica algorítmica das redes sociais, a esfera pública passa a operar enquanto bolhas

ideológicas, dividida, sem espaços para conversações e trocas argumentativas que favoreçam a deliberação. Os sentidos reforçam os próprios códigos ideológicos e o valor de verdade deixa de existir enquanto fato passa a existir enquanto crença e o sentido que circula fora dessa crença passa a ser desacreditado (Sodré, 2020).

Tal perspectiva não parte, no entanto, de uma lógica mídiacêntrica na análise dos processos sociais que caracterizam a guerra híbrida. A complexidade da questão reside nas práticas sociais que caracterizam uma esfera pública mídiatizada e suas implicações no que tange à percepção da sociedade sobre ela mesma, as instituições e sobre o contexto do mundo da qual estão inseridas. A teoria da mídiatização busca compreender os mecanismos de interação, sociabilidade e as transformações do cotidiano, práticas políticas e a relação da cidadania e consumo entre sujeitos e instituições (França, 2020). O *bios midiático* conceituado por Sodré (2002) compõe uma chave hermenêutica para a compreensão da esfera pública contemporânea, uma vez que as construções simbólicas da sociedade sobre ela mesma são representadas a partir de matrizes midiáticas (Gomes, 2017). A característica inerente deste processo é uma esfera pública norteada pela lógica do consumo, onde a sociabilidade não é mais definida pela capacidade política, mas sim pela capacidade de construção identitária com base nas possibilidades de consumo, de forma que a “consciência individualista sobrepõe-se, no espaço público, às injunções políticas de responsabilidade social” (Sodré, 2020, p. 52).

No contexto digital, em que as ferramentas de comunicação e informação são apropriadas por indivíduos, instituições, grupos políticos, partidos, movimentos sociais e demais atores sociais na produção de seus conteúdos e estratégias comunicativas, é possível compreender com clareza o âmbito da mídiatização da esfera pública, muito mais diferida, difusa e de difícil categorização (Luvizotto e Zanetti, 2019). A mídiatização da esfera pública está submetida à lógica algorítmica-

empresarial das redes sociais e seus interesses políticos econômicos, sendo não raro alvo de controvérsias jurídicas relacionadas à privacidade, dados, legislações locais e discursos de ódio, desinformação e operações planejadas no contexto da guerra híbrida.

Um outro aspecto importante é que os processos de midiatização e algoritmização representam uma reconfiguração das representações sociais que caracterizam a relação entre o Eu e o Outro nas interações sociais que estruturam a esfera pública. Sandra Jovchelovitch (2000) utiliza a Psicologia Social para compreender a relação entre esfera pública e representações sociais, analisando como acontecem as construções simbólicas dos espaços públicos do Brasil. A obra foi publicada no ano 2000, muito antes do início dos fenômenos desencadeados em 2013, mas ainda assim oferece ricos insumos teóricos que auxiliam na compreensão dos elementos que propomos analisar neste artigo.

A noção de que os problemas estruturais da sociedade brasileira estão diretamente ligados à fragilidade dos componentes necessários à sustentação de uma esfera pública, nos moldes da democracia deliberativa, é a questão central desenvolvida pela autora e que é, atualmente, ilustrada pelos acontecimentos políticos e sociais no Brasil após 2013. São dilemas que a autora reconhece serem antigos, mas que ainda constituíam impasses no ano 2000 e ainda constituem, ao nosso ver, em 2022. Assim como naquele ano, o cenário social do Brasil em 2022 está marcado pela questão da fome, do descontrole da inflação, do aumento da pobreza e concentração de renda em decorrência das políticas neoliberais que minimizam a ação de políticas públicas e bloqueiam as estratégias de mitigação dos problemas sociais decorrentes da desigualdade. As semelhanças não param por aí. Jovchelovitch (2000, p. 25) cita a crise de confiança nas instituições e frustração com a democracia que decorrem da não solução de problemas econômicos e sociais conduzem a um “desencanto com a esfera pública”. Esse desencanto, por sua vez, leva ao

fatalismo social, em que os sujeitos são incapazes de imaginar um futuro social positivo, sem reconhecer o tempo histórico e fadado a um ciclo de empobrecimento das possibilidades da vida. Trata-se da descrença com a política que produz a despolitização e o individualismo exacerbado.

Neste ponto, as postulações da autora se encontram com a noção de Infocracia de Han (2022), que coloca o fluxo viral de informação estruturado em formato “rizomático” afastam o indivíduo dos temas socialmente relevantes, gerando despolitização e fatalismo. O “estímulo de surpresa” e a instabilidade temporal da informação perpetuam um imperativo da atualidade, sem tempo para experiências de compreensão. Ora, a interpretação e reformulação no processo cognitivo é elemento indispensável ao ato comunicativo, sem o qual não há comunicação senão transmissão de informação. Reflexões “racionais”, afirma Han (2022, p. 25) requerem tempo e tempo é o que não existe nas sociedades midiatizadas. Nesse sentido, a midiatização também é o triunfo dos sentidos afetivos e estéticos em detrimento do argumento racional. Esse aspecto é um grande golpe na na noção esfera pública habermasiana, porém já contestado há muito tempo por diversas autoras (Fraser, 1999; Mouffe, 2003; Mansbridge, 1999). A comunicação afetiva opera pela lógica do estímulo emocional, ofuscando os argumentos e a razão e essa é uma das principais características da esfera pública midiatizada.

A questão se faz importante para fundamentar a dimensão “psicossocial” existente na construção da realidade social que “envolve os saberes simbólicos que se produzem na vida cotidiana, quando agentes sociais se engajam nas práticas comunicativas da esfera pública” (Jovchelovitch, 2000, p. 39). Isso porque, como afirma Moscovici (1984), as representações sociais são sentidos negociados a partir de interações públicas nos encontros cotidianos e nos meios de comunicação. São nesses encontros, no espaço da vida, nas conversações informais que acontecem as trocas discursivas simbólicas que constituem as representações sobre

os mais diversos temas e dão estrutura à esfera pública (Luvizotto e Zanetti, 2019).

A contribuição da psicologia social coloca no centro da noção de esfera pública as questões da intersubjetividade e a expressão do Eu em relação ao Outro, em processos públicos e comunicativos que pressupõem elementos subjetivos nas trocas que caracterizam as interações e construções simbólicas. É a partir dessas trocas que a comunidade “pode desenvolver e sustentar o conhecimento sobre si mesma” (Jovchelovitch, 2000, p. 64). Nesse sentido, é importante o reconhecimento das esferas públicas privadas enquanto distintas, mas que se conectam e se retroalimentam formando identidades individuais e coletivas a partir da relação entre o Eu e o Outro. As representações sociais têm, segundo a autora, origem nas atividades simbólicas do ser humano que caracterizam as interações sociais ligadas ao desenvolvimento do Eu que compartilha uma realidade simbólica com o Outro, uma vez que “são as mediações sociais em todas as suas formas públicas que geram as representações sociais” (Jovchelovitch, 2000, p. 81).

4 O que resta ao jornalismo

O papel dos meios de comunicação na configuração social moderna é um ponto central das pesquisas em Comunicação e nas Ciências Sociais e Humanas há tempos, não à toa são questões-chave nas concepções de esfera pública em Habermas (1996). O tensionamento entre a comunicação dos cidadãos em trocas argumentativas na conversação cotidiana, de um lado, e o aparato dos meios de comunicação de massa e seus interesses econômicos, de outro, tem sido o objeto habermasiano em grande parte de sua obra (Marques e Martino, 2022). Sendo o jornalismo necessário para fornecer informações, opiniões e instrumentos que são apropriados pelos sujeitos para a constituição do debate público, as transformações no jornalismo são, também, mudanças na esfera pública, já que ambos são originados do mesmo processo racional de configuração das sociedades

modernas. Desse modo, o jornalismo constrói a esfera pública “enquadrando situações, representando acontecimentos para a sociedade, de modo a situá-los numa constelação de valores, ideologias, interpretações e imaginários” (Soares, 2009, p. 264).

O jornalismo, ele próprio, faz parte do sistema de representação social e está sujeito à percepção da opinião pública sobre sua função social. Se assim não fosse, a credibilidade dos veículos no contexto de mercado não seria tão importante para a sobrevivência comercial dos meios de comunicação. A nova realidade algorítmica da comunicação em rede na internet permite formas de circulação de sentidos que desarticulam o *modus operandi* do jornalismo industrial e também é aproveitado pelos agentes da Guerra Híbrida, que, comprometidos com a desinformação, se apropriam estrategicamente do aparato jornalístico: seja infiltrando pautas, manipulando as notícias, como forma de confusão social, especialmente nos contextos eleitorais. A questão da “crise no jornalismo” tem sido discutida há bastante tempo pelos pesquisadores sem que haja, necessariamente, uma resposta satisfatória sobre a questão. Muitos autores reduzem a problemática à mudança no padrão de consumo com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação, à velocidade de propagação da informação na era das redes e o rompimento com o esquema clássico da mídia de massa em que poucos comunicam para muitos. Longe de serem equivocadas, tais perspectivas perdem de vista que os desdobramentos políticos, sociais e econômicos que culminaram em crise generalizada nos regimes democráticos ocidentais (Cunha, 2015) atingiram pilares importantes do projeto de modernidade, entre eles valores clássicos que sustentam o jornalismo enquanto práxis e profissão.

Em outras palavras, nos alinhamos com os autores que identificam que a crise no jornalismo se trata de uma crise no próprio projeto de modernidade liberal (e neoliberal) de configuração social, e nos regimes de enunciação (como a noção

de verdade e credibilidade), produzida a partir de relações econômicas complexas e que envolvem a concentração de poder e renda por parte das Big Techs à nível global. Souza (2018) identifica o abandono do jornalismo comercial de seus princípios iluministas de defesa e fortalecimento da democracia e a atuação, “sem titubear”, enquanto “aparelho ideológico da globalização” (Souza, 2018, p. 58). O jornalismo tem se transformado tanto na circulação das notícias (em novos formatos e plataformas), mas também na precarização das redações e da prática profissional, muito mais homogênea, sucateada, sem espaço para o profundo, o contraditório e a apuração minuciosa (Xavier, 2015).

Para além das mudanças estruturais no jornalismo enquanto profissão, nos interessa compreender o fenômeno da dissolução da credibilidade e do valor de verdade que estrutura o jornalismo desde sua origem. A descredibilização dos veículos tem relação profunda com o enfraquecimento da esfera pública o que, por sua vez, é de grande interesse para os agentes da Guerra Híbrida, que utilizam o caos cognitivo como método de ação (Korybko, 2018). Em sua análise sobre a midiatização do jornalismo, Sodré (2020) aponta o deslocamento do valor de verdade do jornalismo para o valor de exposição viral que caracteriza a lógica das redes sociais dominadas pelas Big Techs por meio de “sutis mecanismos de exposição que levam ao autoengano” (Sodré, 2020, p. 52). Ora, é justamente na arena das redes sociais que se trava a maior e mais intensa guerra de sentidos que caracteriza a manipulação da opinião pública no centro da Guerra Híbrida, onde podemos identificar fenômenos amplamente discutidos como as Fake News, a pós-verdade, o negacionismo científico e a ideologização despolitizadora enquanto representação social hegemônica do “sujeito universal” na esfera pública, que também podem ser entendidos como contrapúblicos na concepção de Fraser (2014) ou, ainda, enquanto bolhas e fragmentações da esfera pública.

Os ataques à imprensa e o desrespeito pelos

jornalistas por parte do presidente Jair Bolsonaro no Brasil estão situados na estratégia de desarticulação dos veículos jornalísticos enquanto fomentadores de informação, razões e fatos que possam desmistificar o discurso que sustenta o bolsonarismo e suas pretensões autoritárias. A tradição histórica “personalista” e “populista” da frágil esfera pública brasileira que cria figuras míticas e heróis nacionais (Jovchelovitch, 2000) é constantemente alimentada pelo *modus operandi* bolsonarista, que busca colocar Bolsonaro enquanto figura antissistema por meio do deliberado falseamento da realidade. Jovchelovitch (2000) já havia demonstrado como os laços familiares e as emoções novelescas que caracterizam a esfera pública nas sociedades latinas são o cenário ideal para o surgimento do populismo a partir do fatalismo com relação às instituições políticas.

No entanto, seria equivocado afirmar que o bolsonarismo é a causa dos problemas relacionados à crise democrática. Defendemos que ele é o sintoma de problemas que nunca foram enfrentados abertamente em diversas esferas que constituem o Brasil. A financeirização e algoritmização do mundo da vida, segundo Sodré (2020), as privatizações da política neoliberal e a globalização perversa (Santos, 2001), tem levado ao aumento da desigualdade em todo o mundo, com aumento da pobreza, da precarização do trabalho e o conseqüente agravamento dos conflitos sociais. Conforme aponta Cunha (2015), a conseqüência é um processo de “desdemocratização”, que se trata da própria crise do Estado liberal e a incapacidade de controle social por vias democráticas. Assim, as conseqüências das políticas neoliberais revelam sua face autoritária e reticente com relação ao fortalecimento da democracia.

Entre uma diversidade de pesquisadores que denunciam as práticas conflituosas da lógica neoliberal do capitalismo informacional com práticas democráticas, James Bartlett é enfático ao dizer que a Internet, ao contrário de contribuir com princípios democráticos, está, isto sim, matando a democracia. Bartlett (2019) argumenta que as

tecnologias entram em conflito com sistemas democráticos porque não foram desenhadas para eles. Para o autor, as democracias foram construídas baseadas em um tempo de estados-nação, hierarquizadas e com economias industrializadas enquanto o modelo tecnológico digital é não-geográfico, descentralizado, dirigido por dados, sujeito a efeitos de rede e com crescimento exponencial. Democracia e tecnologias digitais seriam pouco ou nada compatíveis nessa perspectiva. Ao contrário da desintermediação da grande mídia, tem-se a mediação obscura, que se quer invisível, dos algoritmos. A centralidade da comunicação resulta em uma super oferta comunicacional, ao mesmo tempo em um processo de desinformação inédito e danoso.

Esse é apenas um dos pontos, que dizem respeito à discussão pertinente ao campo da Comunicação, que buscam compreender a ascensão de Jair Bolsonaro e demais governos e que estão ligados à noção de Guerra Híbrida. Nesse sentido, os meios de comunicação comerciais, ao assumirem a defesa acrítica da globalização e das práticas liberais, contribuíram para viabilizar a emergência do discurso autoritário do qual hoje são vítimas. Por estar intimamente ligado à emergência do liberalismo, o jornalismo comercial se vê em uma complexa conjuntura tecnológica, política e econômica que tem como consequência a decomposição de sua função enquanto mediadora entre cidadão e esfera pública, perdendo sua função enquanto espírito da modernidade (Sodré, 2020).

Ainda que haja crítica do jornalismo enquanto reproduzidor de discursos autoritários e de visão única de mundo (Xavier, 2015), a perda do poder mediador do jornalismo enquanto arena de esfera pública contribui para o caráter diferido e difuso da circulação de sentidos, tornando os processos sociais midiáticos — como é o caso da guerra híbrida —, muito mais complexos e de difícil categorização. Tim Berners-Lee (2018), criador da World Wide Web crítico do seu desenvolvimento tal como tem sido, afirmou “o fato de que o poder está concentrado em tão poucas empresas tornou

possível transformar a Web em arma em escala”. Inicialmente concebida como promessa de quebra de hegemonia dos conglomerados midiáticos nacionais, a internet tem estado cada vez mais refém dos conglomerados mundiais, com concentração de poder e renda em proporções jamais vistas. Com a desarticulação do jornalismo, os agentes da Guerra Híbrida criaram uma estrutura de desinformação em rede, com a criação e distribuição de notícias deliberadamente falsas e a ideologização midiaticizada.

Nesse sentido, as transformações políticas, econômicas e tecnológicas que afetam o jornalismo, afetam também suas bases epistemológicas. Conforme aponta Serrano (2013) a crise do jornalismo é de objetividade, imparcialidade, autoridade, credibilidade, mediação e distribuição. Moraes e Veiga da Silva (2021) pontuam a construção epistemológica do jornalismo centrada no “sujeito universal”, norteados pelo “sistema capitalista, masculinista, heterossexista, ocidentalista” e balizado pelas mesmas noções de objetividade científica e neutralidade partir de uma racionalidade que simplifica o mundo e reduz o conhecimento dentro do escopo desenhado a partir destas bases. As contradições da profissão devem ser entendidas como forma de superação dos problemas, aprimorando o tipo de conhecimento que se produz no jornalismo, conforme sugere Genro Filho (1987). Assim, a recuperação do jornalismo enquanto produtor social do conhecimento para além das empresas de comunicação que atuam na lógica comercial e atendendo o interesse dos financiadores é ponto crucial de resistência no contexto da midiaticização do jornalismo que buscamos apresentar neste artigo.

5 Considerações finais

Com fortes expectativas de contribuições transformadoras e incrementais às democracias no mundo, o desenvolvimento do ciberespaço, da comunicação em rede, foi, desde o princípio, encarado como a grande potencialidade pró-

democracia. Por outro lado, também foram comuns desde o início, posicionamentos contrários que enxergam no desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação um crescimento e um fortalecimento de valores alinhados à ordem neoliberal, na qual princípios democráticos perdem espaço ou são desprezados em favor do capital, potencializando cenários de guerras híbridas.

Algoritmos são linguagens técnicas que mantêm uma existência independente dos seus implementadores humanos, mas operam dentro do contexto da cultura humana, produzindo a chamada cultura algorítmica, que nada mais é do que uma das faces da midiatização. A complexificação do atual estágio da midiatização algorítmica, as novas modalidades de guerra informacional em rede, levam a relação entre mídia e esfera pública a patamares inéditos na história da humanidade, sendo necessário o reposicionamento do jornalismo em um cenário de transformações estruturais nas sociedades contemporâneas que colocam suas bases epistemológicas em cheque. Neste artigo, buscamos articular conceitos e noções para o aprofundamento dos fenômenos aqui mobilizados, que resultam de anos de estudos relacionados à esfera pública, a deliberação, a atuação de movimentos sociais em rede e o papel do jornalismo no processo de negociação de sentidos na sociedade midiatizada. Trata-se de profunda reflexão desenvolvida junto ao Grupo de Estudos (removido para avaliação cega), desde sua concepção em 2015.

Se antes, como identificou Milton Santos (2001), a esfera pública era ocupada pelo esvaziamento do contraditório e pelo discurso único para atender os interesses da globalização, hoje não é exagero afirmar que a esfera pública é ocupada pelos agentes da guerra híbrida, empenhados na divisão do país e na assimilação de táticas militares de guerra indireta como forma de desarticulação democrática decorrente dos agravamentos sociais advindos pelo aumento da pobreza em escala mundial. Nesse processo, é importante destacar que se mudam os métodos, mas os interesses seguem os mesmos: o favorecimento dos mais ricos e bilionários a nível

global. O jornalismo, enquanto produtor social de conhecimento, também deve se reencontrar com si mesmo, rejeitando a ideologização forçada da midiatização e a reafirmação dos valores jornalísticos democráticos, contra a desinformação e valorizando a humanização dos sujeitos sociais. Caso opere na lógica da guerra informacional no cenário da guerra híbrida, o jornalismo está fadado a se desarticular enquanto projeto moderno, tornando-se um fenômeno midiatizado distinto de suas bases epistemológicas originais para ser mais um instrumento a serviço do caos social e dissolução democrática.

Referencias

- ARQUILLA, J., RONFELDT, D. 1993. Cyberwar is coming!. *Comparative Strategy*, 12(2), 141-165. <https://bit.ly/3zscCrw>.
- ARQUILLA, J., RONFELDT, D. 2001. *Networks and netwars: The future of terror, crime, and militancy*. Rand Corporation. <https://bit.ly/3OsAsaT>
- BARROS, L. M. 2012. Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas. In: MATTOS, M., JANOTTI JR., J., JACKS, N. FAUSTO NETO, A. (org.) *Mediação e midiatização*. Salvador: EDUFBA. <https://bit.ly/3zrsj2g>.
- BARTLETT, J. 2018. *The People Vs Tech: How the internet is killing democracy (and how we save it)*. New York: Penguin Random House.
- BENJAMIN, R. 2020. Retomando nosso fôlego: Estudos de Ciência e Tecnologia, Teoria Racial Crítica e a imaginação carcerária. In: SILVA, T. (org.). *Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: olhares afrodiáspóricos*. São Paulo, LiteraRUA.
- BERNERS-LEE, T. 2018 The web is under threat. Join us and fight for it. *World Wide Web Foundation*, 12. <https://bit.ly/2sHr3FH>.
- BROUSSARD, M. 2018. *Artificial unintelligence: How computers misunderstand the world*. Cambridge: MIT Press.
- CASTRO, J. C. 2020. Máquinas de guerra híbrida em plataformas algorítmicas (Hybrid War Machines on Algorithmic Platforms). *E-Compós, Brasília (DF)*, 23, 1-29. <https://bit.ly/3RVtnmj>.

- CESARINO, L. 2020. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, 1 (1), 91-120.
- CHO, J., AHMED, S., HILBERT, M., LIU, B. e LUU, J. (2020). Do search algorithms endanger democracy? An experimental investigation of algorithm effects on political polarization. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 64(2), 150-172.
- CLAYMAN, S. E. 2004. Arenas of interaction in the mediated public sphere. *Poetics*, 32(1), 29-49.
- CUNHA, I. F. 2015. Da 'desdemocratização' da Europa: democracia, mídia e corrupção política. Intercom: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 38, 37-63. <https://bit.ly/3RWI4Fz>.
- DANIELS, J. 2013 Race and racism in Internet studies: A review and critique. *new media & society*, v. 15, n. 5, p. 695-719.
- FINN, E. 2018. What algorithms want: Imagination in the age of computing. mit Press.
- FRANÇA, V. R. V. (2020). Alcance e variações do conceito de midiaticização. Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiaticização. <https://bit.ly/3b0oA2h>.
- FRASER, N. (1999). Social justice in the age of identity politics: Redistribution, recognition, and participation. *Culture and economy after the cultural turn*, 1, 25-52.
- FRASER, N. 2014. Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy. In: FRASER, N. *Between borders*. Routledge. p. 74-98.
- GENRO FILHO, A. 1987. *O Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Dissertação. Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC. <https://bit.ly/3J1tnwT>.
- GERBAUDO, P. 2018. Social media and populism: an elective affinity?. *Media, culture & society*, 40(5), 745-753.
- GOMES, P. G. 2017. *Dos meios à midiaticização: um conceito em evolução*. São Leopoldo: Unisinos.
- HABERMAS, J. 1996. *Between Facts and Norms: Contributions to a Discourse Theory of Law and Democracy* (trans. William Rehg). Cambridge, UK: Polity Press.
- HAN, B. C. 2020. Infocracy: Digitization and the Crisis of Democracy. John Wiley & Sons.
- HOFFMAN, F. G. 2007. *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*. Arlington, VA: Potomac Institute for Policy Studies.
- JOVCHELOVITCH, S. 2000. *Representações Sociais e Esfera Pública: A Construção Simbólica de Espaços Públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- KORYBKO, A. 2018. *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. São Paulo: Expressão Popular.
- LEIRNER, P. C. 2020. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica*. Alameda Casa Editorial. <https://bit.ly/3J1u2OT>.
- LUVIZOTTO, C. K. & ZANETTI, L. A. 2019. A influência de notícias nos ambientes informais de deliberação: o contexto em Portugal. *Encontro da Compós*, 2019, 1-29.
- MACHADO, J., & MISKOLCI, R. 2019. Das Jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. *Sociologia & Antropologia*, 9, 945-970. <https://bit.ly/3BdzKvs>.
- MALY, I. 2018 'Populism as a mediatized communicative relation: The birth of algorithmic populism' *Tilburg Papers in Culture Studies*, no. 213, Tilburg. Disponível em: <https://www.tilburguniversity.edu/sites/tiu/files/download/TPCS_213_Maly_2.pdf> Acesso em: 15/12/2022.
- MANSBRIDGE, J. 1999. Everyday Talk in the Deliberative System. In: MACEDO, S. (Ed.). *Deliberative Politics: Essays on Democracy and Disagreement*. Oxford: Oxford University Press, 1999. pp. 1-211.
- MARQUES, Â. C. S., MARTINO, L. M. S. (2022). Lendo Habermas com Habermas: um estudo do prefácio de 1990 da obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. *Mediapolis-Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, (14), 39-63. <https://bit.ly/3PvamWl>.
- MORAES, F., & da SILVA, M. V. 2021. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: BOMFIM, I. SARTOR, B., VIEIRA, K. SILVA, M. *Mídia e zeitgeist*, 113. <https://bit.ly/3RYaRtq>.
- MOSCOVICI, S. The phenomenon of social representations. *Social representations*. London: Cambridge University Press. pp. 3-69.
- MOUFFE, C. 2003. Deconstruction, pragmatism and the politics of democracy. In *Deconstruction and pragmatism* (pp. 1-12). Routledge.

O'NEIL, C. 2016. *Weapons of Math Destruction: How Big Data Increases Inequality and Threatens Democracy*. New York: Crown Publishers. 272p.

SANTOS, M. 2001. *Por uma outra globalização: do pensamento único ao pensamento universal*. Rio de Janeiro: Record, 17-36.

SERRANO, P. 2013. Outro jornalismo possível na internet. *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo, Boitempo. <https://bit.ly/3RWLdFn>.

SIGNATES, L. 2019. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade. In: BRAGA, JL; GOMES, PG; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.(Orgs.). *10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2019. p. 19–29.

SILVA, Tarcizio. 2020. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiáspóricos*, p. 121-135.

SOARES, M. C. 2009. *Representações, jornalismo e a esfera pública democrática*. São Paulo: Cultura Acadêmica. <https://bit.ly/3cDBWBV>.

SODRÉ, M 2020 Midiatização do jornalismo. Em: FERREIRA, Jairo, et al. *Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiatização*. FACOS-UFSM. <https://bit.ly/3BekuOO>.

SODRÉ, M. 2002. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

SOUZA, R. B. 2018. A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 41, 55-69. <https://bit.ly/3PO4vLw>.

STARK, B., S., D., MAGIN, M., JURGENS, P. 2020. Are algorithms a threat to democracy. The rise of intermediaries: A challenge for public discourse. *Algorithmwatch: Governing Platforms*. Disponível em: <bit.ly/3YxhuoY> Acesso em: 09/02/2023.

STROMBACK, J. 2008. Four phases of mediatization: An analysis of the mediatization of politics. *The international journal of press/politics*, 13(3), 228-246. <https://bit.ly/3zn3oMj>.

XAVIER, J. T. P., XAVIER, P. A. 2015. Movimentos sociais, ecologia digital, mídias radicais e as narrativas anticapitalistas na esfera pública alternativa global. *Razón y Palabra*, 1-18. <https://bit.ly/3OtbKY3>.

YAN, G. 2020. The impact of Artificial Intelligence on hybrid warfare. *Small Wars & Insurgencies*. <https://doi.org/10.1080/09592318.2019.1682908>.

ZANETTI, L. A.; LUVIZOTTO, C. K.; ALMEIDA, M. C. 2023. Da corrupção política à midiatização do escândalo: a construção jornalística no início do “Caso Queiroz”. *Revista Mídia e Cotidiano*, 17(1), 7-31.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento desta pesquisa (processo 2021/00378-0).

Este texto apresenta resultados parciais da pesquisa “Comunicação e Democracia: Responsabilidade da Mídia, Mídia de Serviço Público, Acesso à Internet e o Direito à Informação na Alemanha e no Brasil”, financiada e apoiada pela Capes por meio do Probral - Programa de Cooperação Acadêmica Brasil-Alemanha. Capes/DAAD (Processo 88881.371423/2019-01).

Artigo submetido em 09/02/2023

Aceito em 30/09/2023